

Caderno de

# RESENHA

## L i t e r á r i a

Maio 2023 - Ano 1 - Nº 00

Nesta edição de estreia,  
leia resenhas das obras  
“A Morte de Virgílio”  
e “Os Anos de Condor”

PÁGINA 4

*A morte de Virgílio*

PÁGINA 7

*Os Anos de Condor*



ESPAÇO DOS(AS)

Aposentados(as)



AJUFE



## MENSAGEM DA COOR- DENADORA



### Maria Helena Rau de Souza

Juíza federal aposentada da 4ª Região  
e Diretora de Assuntos de Interesses  
dos Aposentados Biênio 2022-2024



Ilustração de capa da edição.

A literatura amplia nosso mundo, permite contato com experiências que jamais viveríamos na realidade. É arte potente para a compreensão das experiências humanas. O leitor, já se disse, conclui o trabalho do escritor. E o mesmo livro será muitos livros.

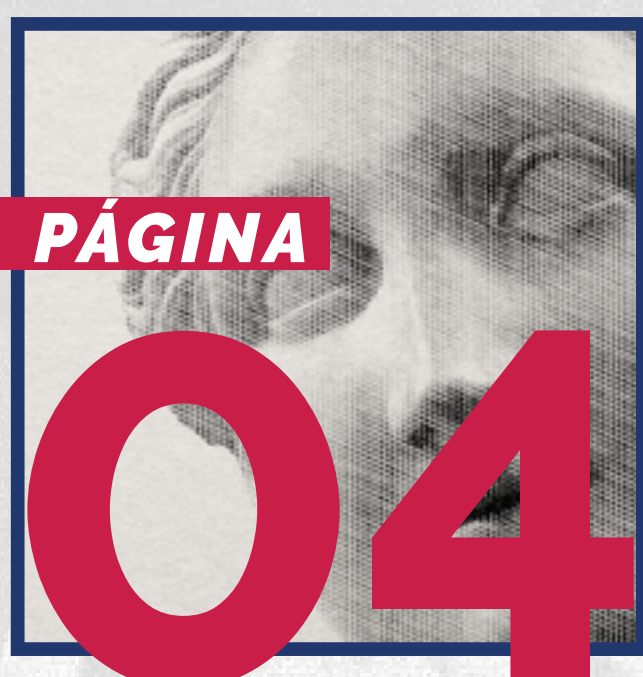
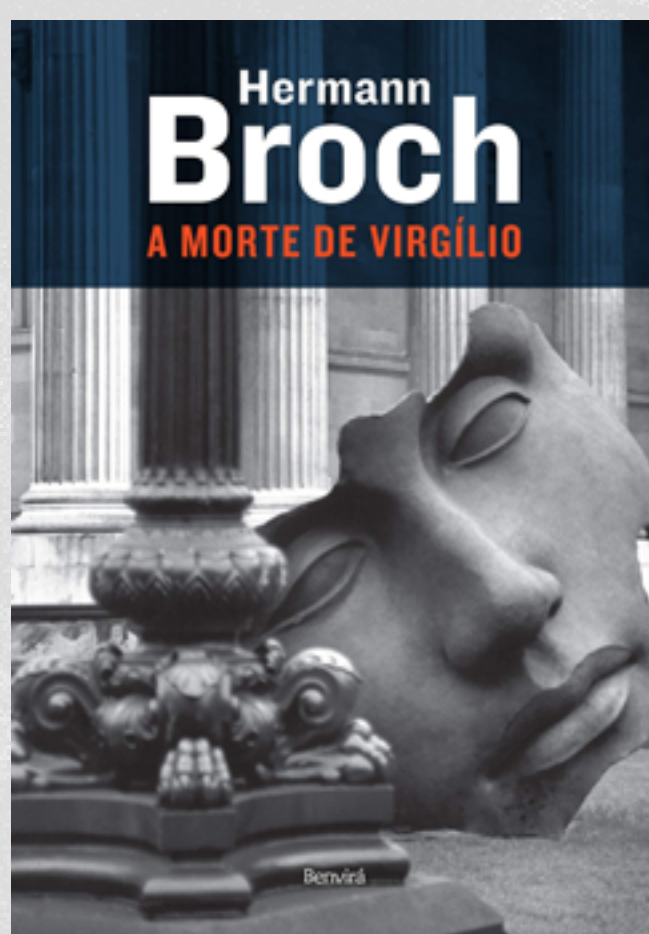
O Espaço do Aposentado inaugura, com esta edição, a Resenha Literária. Muitos de nós somos leitores ávidos e contumazes. O patrimônio acumulado de leituras é inestimável e sua partilha por meio de análises críticas e informativas abre portas a todos para novos autores, outros temas. Pensamos, mesmo, que podemos criar uma verdadeira biblioteca sintetizada no nosso espaço. A partir das obras comentadas, haverá anotação do autor e obra para inclusão no nosso catálogo bibliográfico. Quem buscar pela leitura do livro, já contará com uma resenha qualificada. Ou, quem sabe, fará sua leitura e depois cotejará suas impressões com a crítica já apresentada.

A ideia da Resenha Literária surgiu com o qualificado trabalho da Desembargadora Federal Marga Inge Barth Tessler, cujas resenhas já há algum tempo atraem muitos leitores ao seu Instagram. A partir de agora, suas apreciações literárias estarão na página da Ajufe, neste recém-nascido espaço. Nossa expectativa é que se apresentem outros tantos críticos, com suas resenhas, para expandirmos a ideia e dar à literatura o lugar de relevo que lhe cabe.

Por isto, temos a honra e o prazer de lhes entregar a primeira edição da Resenha Literária. Que seja o começo de um profícuo caminho!



# SUMÁRIO



Resenha do livro “A Morte de Virgílio”, por Marga Inge Barth Tessler



Resenha do livro “Os Anos de Condor”, por Marga Inge Barth Tessler

## expediente

Coordenação: **Maria Helena Rau de Souza**

Coordenação de comunicação: **Priscilla Peixoto**

Revisão: **Eduardo Gomes**

Diagramação e projeto gráfico: **Lucas Soares**

**Ajufe — Setor Hoteleiro Sul, Quadra 6, Bloco E, Conjunto A, Sala 1305**

Brasil 21 - Ed. Business Center Park - CEP 70.322-915

Tel.: (61) 3321-8482

### Contato

[imprensa@ajufe.org.br](mailto:imprensa@ajufe.org.br)

[www.ajufe.org.br](http://www.ajufe.org.br)

[www.facebook.com/ajufe.official](https://www.facebook.com/ajufe.official)

[www.youtube.com/tvajufe](https://www.youtube.com/tvajufe)

[www.twitter.com/ajufe\\_oficial](https://www.twitter.com/ajufe_oficial)

[www.instagram.com/ajufe\\_oficial](https://www.instagram.com/ajufe_oficial)

[www.flickr.com/ajufe\\_oficial](https://www.flickr.com/ajufe_oficial)



# A Morte de Virgílio<sup>1</sup>

Ficha Técnica

**Título:** “A Morte de Virgílio”.

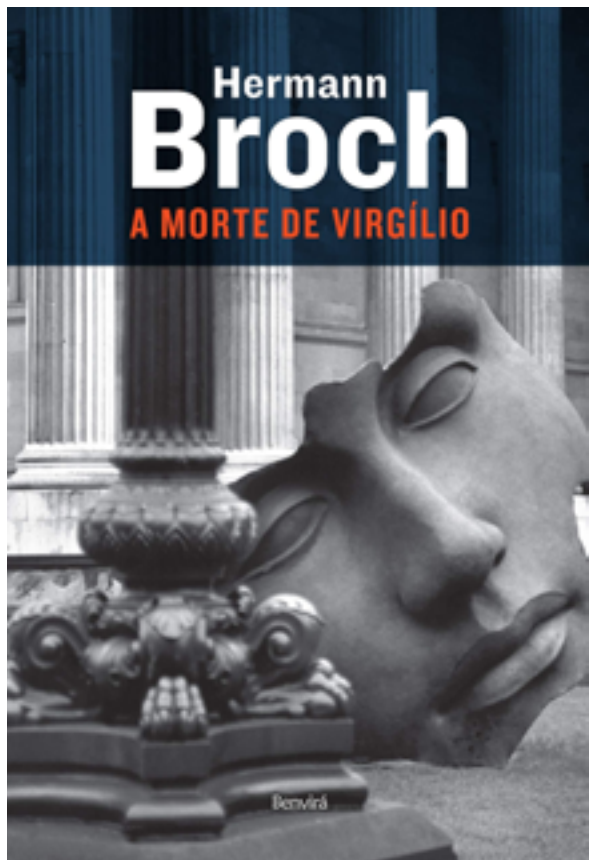
**Título original:** “*Der Tod des Vergil*”.

**Autor:** Hermann Broch.

**Tradução:** Herbert Caro.

**Editora:** Benvirá, 2013, São Paulo.

**Gênero:** Sec. XX, ficção, ambientada no Império Romano, nos tempos de César, tendo como centro narrativo o dia 21 de setembro do ano 19 A.C., em Brundise, onde o poeta Virgílio vive o seu último dia, cogitando destruir a sua obra Eneida.



<sup>1</sup> Resenhas Desembargadora Federal Marga Inge Barth Tessler, do TRF4. Outubro de 2017.

## RESENHA

O autor Hermann Broch nasceu em Viena e morreu em New Haven, Coneticut. Estudou no Império Austro Húngaro e trabalhou na Indústria têxtil paterna em1907.Durante a1ª Guerra dirigiu um hospital.Vendeu a fábrica, estudou matemática, filosofia e física em Viena. Em 1938 foi preso pela Gestapo por cinco semanas, ocasião em que concebeu e iniciou este romance, concluído no exílio. Segundo Otto Maria Carpeaux (História da Literatura Ocidental, 4º Vol. Livraria Cultura, 4º vol., Leya) trata-se de uma obra prima, e Broch “é o mais profundo dos romancistas de idéias”. Uma empreitada literária que recria o último dia da vida do poeta Virgílio, horas nas quais cogita destruir a Eneida, e reflete sobre a sua vida dedicada à arte.

Virgílio, Públio Virgílio Maro, nasceu em Mântua, hoje Calábria, em 15/10/70 A.C., e faleceu em Brundisi, sepultado em Nápoles. No leito de morte teria dito ao amigo Vário, que queimasse a sua obra inconclusa Eneida. Na Idade Média, Virgílio era chamado “Pai do Ocidente” e aos olhos de Dante, ao mesmo tempo, exemplo, poeta e guia. Para Otto Maria Carpeaux, Virgílio é o que Homero não foi e não podia ser: é artista, “Um artista incomparável do verso, da música das palavras”. A Eneida foi um clássico já na latinidade, um sucesso no mundo romano, onipresente em várias esferas, sintetizando mito e história. Pressupõe e parte da Iliada e Odisséia homéricas. Enéas foi o fundador mítico de Roma, o herói fundador e piedoso, pai da cidade, um deus “lar familiares”, morto, um ancestral. Pois bem, Broch enfrenta a clássica temática concebendo uma obra prima que é prosa e poesia. Dividida em



quatro partes, começa ao anoitecer do dia 20 de setembro de 19 A.C., quando Virgílio, doente e contrariado, atende à ordem de seu mecenas, o Imperador Augusto, para comparecer ao aniversário deste. Em uma das naus imperiais, chega à Brundise. O início da 1ª parte “Àgua” é das descrições mais lindas que já li. Tem tudo o que um magnífico texto precisa oferecer: som, luz, cor, cheiro, poesia, paisagem...

*“Azuladas, leves, movidas por uma branda, quase imperceptível brisa contrária, as ondas do Adriático haviam fluído ao encontro da armada imperial, quando esta, à esquerda, das baixas colinas da costa calabresa, que aos poucos se avizinhavam, dirigia-se ao porto de Brundisi, e neste momento em que a solidão do mar, ensolarada e todavia prenunciadora de morte, convertia-se na plácida alegria de atividades humanas, neste momento em que as águas suavemente abrilhantadas pela proximidade de existências e moradas dos homens povoavam-se de navios de toda espécie, alguns que, tal e qual a frota, buscavam o porto, e outros que dele acabavam de sair, neste momento em que os barcos pescadores de velas pardas já abandonavam em toda a parte os protetores molhezinhos de um sem-número de aldeias e lugarejos, ao longo da beira irrigada de branca espuma, a fim de se encaminharem ao apanho noturno, o mar tornara-se liso, quase como um espelho. Acima dele abria-se, madreperolada, a concha do céu. Anoitecia, e notava-se o cheiro dos fogos de lenha das lareiras, cada vez que os sons da vida, marteladas ou um grito, chegavam dali, trazidas pela aragem”*

Virgílio intui a morte, está no entardecer.

Na parte seguinte “Fogo – A descida”, mergulha na vida interior, vaga em sonho febril e constata: que a Eneida não avança, tem dúvidas quanto à sua capacidade artística, a inspiração está morta. Na terceira parte, “Terra”, os amigos vêm confortá-lo inclusive o Imperador Augusto. Promete não queimar a obra, embalado pela idéia de que a produção artística já não lhe pertence, é propriedade do povo romano, pois vários trechos eram conhecidos pela população. Na quarta parte, “O Retorno”, voltam imagens trabalhadas no início, agora, “a costa ficava atrás, e isso parecia com uma fácil despedida das existências e das moradas humanas”. O poeta se confunde com o universo, com o absoluto, e não se sabe se algo está sendo dito ou é sonhado. Virgílio é citado em muitas oportunidades, textualmente e muito do texto da Eneida está incorporado na narrativa. Há um posfácio de Marcelo Backes, em que o citado professor destaca as mais importantes citações, v.g. “Fácil é o caminho que desce ao Hades, e sempre encontra abertas...”. Na época em que foi concebida por Broch, sentia profunda decepção com o declínio dos ideais e valores. A obra faz velado paralelo do império de Augusto com o nacional-socialismo. São duas épocas marcadas pelo naufrágio, pelo declínio. Segundo Backes, “é uma das maiores narrativas da literatura universal sobre a morte, elaborada com mais poesia e algumas centenas de páginas a mais, o tema central de Tolstoi em “A Morte de Ivan Ilitch...”, “investiga a morte, aprende-a através do conhecimento, e, para isso, constrói talvez o maior prosoema da literatura ocidental...”, “um romance pode ser poema, mesmo escrito em prosa”. Ao concluir a leitura desta obra engenhosa e brilhantemente concebida, a constatação de que não sei como pude viver tanto tempo, sempre com um razoável período dedicado a ler, ser ter lido Hermann Broch.

Agora é ler Eneida, iniciada em 29 A.C., e publicada 10 anos depois.



Ela está para Roma como a Ilíade e a Odisséia para Grécia, inventando um passado coletivo glorioso. Não foi por acaso que Dante escolheu Virgílio como guia na Divina Comédia. Herman Broch tem ainda publicados “Os Inocentes”, “Os Sonâmbulos”, trilogia dos 30 anos da história europeia. É um romancista da estatura de Joyce e Proust, pouco conhecido, lamentavelmente.



**Autora**

# Marga Inge Barth Tessler

Desembargadora federal aposentada da 4ª Região



# Os Anos do Condor

## — Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul<sup>1</sup>

Ficha Técnica

**Título:** “Os Anos do Condor — *Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*”.

**Título original:** “*The Condor Years — How Pinochet and his Allies Brought Terrorism to Three Continents*”.

**Autor:** John Dinges.

**Tradução:** Rosaura Eichenberg.

**Editores:** Cia das Letras, 2005, Esgotado.

**Gênero:** História política e governo, terrorismo de Estado, contra terrorismo, relato/reportagem sobre o período de 1973/1980 no Cone Sul da América, em busca de verdade e justiça. Investigação centrada em depoimentos de partícipes, integrantes de estruturas de governo, Chile e USA e documentação antes coberta por sigilo.



<sup>1</sup> Resenhas Desembargadora Federal Marga Inge Barth Tessler, do TRF4. Fevereiro de 2018.

RESENHA

O AUTOR: correspondente do jornal Washington Post para a América Latina, radicado no Chile, um observador privilegiado. Viveu a queda do governo Allende e a instalação da ditadura de Pinochet. Encerrada a missão jornalística, passou às atividades investigativas em busca da documentação antes secreta. Esclarece que “quando houve conflito entre documentos e lembranças, atribuiu maior autoridade aos documentos”, que “o caráter secreto não os resguarda da imprecisão, e eles são



tão factuais quanto às reportagens e as fontes que as divulgaram". Recebeu prêmio Maria Moors Cabot, pela cobertura jornalística na América Latina.

O período histórico: em 11 de setembro de 1973 se deu a queda de Allende e em 21 de setembro de 1976 foi perpetrado o assassinato de Orlando Letelier em Washington, DC, ato que, segundo o autor, marcou o início das operações da Condor. A reunião em que foi fundada a Operação Condor, teria ocorrido em Santiago, em 29 de outubro de 1975, segundo Ata de Fundação encontrada no Arquivo Paraguai. Foi iniciativa de Pinochet que recebeu as autoridades, e conduzida por Manoel Contreras, Chefe do "DINA", polícia secreta no Chile.

Interesse pelo tema: Notícias jornalísticas de novembro de 2017 sobre o julgamento de militares do RS em Roma, pelo suposto desaparecimento de um cidadão ítalo-argentino, Lorenzo Viñas, em 26 de junho de 1980, em Uruguiana, Fronteira Oeste. Vinãs seria militante dos movimentos guerrilheiros montoneros e perseguido na Argentina (ver 426 Comissão da Verdade).

O autor inicia com a lembrança da manhã clara de setembro de 1976, em que Orlando Letelier, ex-embaixador chileno teve o carro despedaçado por uma bomba em Washington. Lembra do episódio anterior, em Buenos Aires, no qual resultou assassinado o general chileno René Schneider, em Buenos Aires (Operação Colombo), adversário político de Pinochet, ainda no Governo Allende. Classifica a denominada "Operação Condor" como uma aliança político/militar secreta, inserida na Guerra Fria travada na Europa. Teve início no Chile sob a liderança de Pinochet, para erradicar os inimigos ideológicos em todo o mundo. Foi uma espécie de "efeito dominó invertido". Os grupos perseguidos proliferavam na região promovendo atos de guerra e de guerrilhas, sob inspiração cubana, de Marx e Che Guevara. Esses grupos mantinham também uma aliança clandestina internacional JCR – Junta Cordinadora Revolucionária. Foi um passo maior do que a mera troca de informações. A Condor foi operacional, incluía sequestro e assassinatos. O autor ultrapassa a litania dos direitos humanos e de forma bastante cautelosa e realista desvenda a participação do governo norte-americano, discreto e apoiador das operações. Quando a Condor pretendeu operar na Europa, disparou o sinal de alerta, tendo só então o Secretário de Estado Henry Kissinger manifestado oposição aos planos.

Algumas operações relatadas são surpreendentes pela violência ou ineditismo. As mortes de Letelier, René Schneider e Prats, descritas com detalhes e a quase prisão de Carlos, o Chacal (Ilich Ramírez Sánchez), terrorista venezuelano. Acabou fugindo e praticou logo a seguir o seqüestro sangrento de um jato da Air France, que acabou em Entebbe, Uganda e morte de 83 pessoas. O presidente argentino Carlos Menem concedeu perdão aos militares envolvidos em atos de terror e também aos assassinos do Gen. Prats. Neste passo, tem destaque a atuação de uma jornalista chilena que fez um longo plantão na porta da casa do juiz federal argentino, até obter permissão para examinar os autos do julgamento de Enrique Arancibia Clavel, que levava vida pacata em Buenos Aires. Tais documentos foram



centrais para a elucidação de diversos casos. O interesse de um juiz paraguaio, José Augustin Fernandez, permitiu conhecer um importante acervo, denominado “Arquivo do Terror”. O fim da impunidade ocorreu a partir da prisão de Pinochet em Londres, em 1998. Destaque também para a atuação do juiz federal italiano Giovani Salvi, no caso do atentado ao ítalo-chileno Bernardo Leighton.

Entre as várias conclusões a que chega o autor, é de que a “Operação Condor” foi efêmera para a manutenção dos regimes de força. Por outro lado, propiciou a expansão da jurisdição internacional, gerou uma imensa trilha de documentos junto ao governo dos Estados Unidos, antes protegidos por elevado sigilo. O episódio cruel da Guerra das Malvinas precipitou as investigações e punições na Argentina. Sem os documentos liberados pelo juiz argentino à jornalista Mônica Gonzáles não haveria possibilidade de escrever esta triste página da história. Descaracteriza as mortes dos ex-presidentes João Goulart e Juscelino Kubitschek, além de Carlos Lacerda, Eduardo Frei e Joaquim Zentino, como resultantes possíveis de operações da Condor. No Brasil é relacionada uma operação no Rio a fim de capturar dois montoneros que chegavam do México, para levar Horácio Campiglia, e a de um montonero que teria sido capturado na fronteira com o Uruguai.

Conclui, ainda, que teria sido a primeira aliança internacional para travar uma guerra contra o terrorismo. Devem ser examinadas conscienciosamente e compreendidas para evitar a repetição em futuras alianças de combate ao terror. Não estamos condenados a repetir os mesmos erros. Muito bom e atual, pois vivemos uma nova cruzada contra o terror, após o Atentado de 11 de setembro.



**Autora**

# Marga Inge Barth Tessler

Desembargadora federal aposentada da 4ª Região





ESPAÇO DOS(AS)  
**Aposentados(as)**



**AJUFE**

**Acesse o Catálogo Bibliográfico  
do Caderno de Resenha Literária  
e conheça o Espaço dos  
Aposentados em:**

<https://www.ajufe.org.br/espaco-dos-aposentados>



ajufe.official



ajufe\_oficial



tvajufe



ajufe\_oficial



ajufe\_oficial

**[www.ajufe.org.br](http://www.ajufe.org.br)**